

FLECHA

Matilde Campilho

FLECHA

HISTÓRIAS

Lisboa

TINTA-DA-CHINA

M M X X

APRESENTAÇÃO DA FLECHA

Este é um livro de histórias. Narrativas que foram surgindo um dia depois do outro, às vezes durante a tarde, outras logo pela manhã, e a maioria delas quando a noite já havia caído. Talvez o escuro seja mais propício às histórias. Seja como for, de uma maneira ou de outra, todas quiseram chegar-se à luz. Nem que fosse por um segundo. Umam chegaram-se tanto que passaram a ser, elas mesmas, a candeia que iluminou uma noite inteira. Nestas páginas estão retratos imaginários, e dentro desses retratos podem inscrever-se, à vez, coisas como: uma paisagem; um objeto; uma pedra; um bicho; um fogo; um gesto; um instrumento musical; um rosto; um deus. Por vezes, essas coisas vivas e mortas misturam-se num só retrato, como acontece na vida fora de páginas. E, como na vida, este é um livro cheio de gente. Algumas pessoas serão reconhecidas pelo nome, ou um movimento característico, por uma opinião ou uma sentença. Outras não se dará essa circunstância, por serem, dos pés à cabeça, fruto da imaginação. Em todo o caso, neste livro, mesmo as pessoas que existem, não existem. E vice-versa: mesmo as que não existem, existem. Na arena das histórias tudo se acende e fica vivo, mas de uma maneira muito particular. A morte, a existir, é momentânea. Já a vida, embora exista sempre, vai mudando a cada novo olhar deitado sobre ela. Quanto ao tempo, esse prodígio que há muitos anos o homem tenta dominar e obviamente não consegue, ele aproxima-se mais da sua essência a cada vez que uma história é segredada. Não importa o quando,

© 2020, Matilde Campilho
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Flecha*
Autora: Matilde Campilho
Revisão: Madalena Alfaia
Composição e capa: Tinta-da-china (P. Serpa)
Desenho da flecha: Filipa Antunes

1.ª edição: Julho de 2020

ISBN: 978-989-671-555-7
Depósito Legal n.º 470993/20

não importa o como, não importa o onde. Importa o fôlego que é comum ao vento, ao fogo, à garganta humana: o sussurro das histórias é permanente e liga tudo. A unir os pontos e a atravessá-los está, desde o princípio, a flecha.



O siroco lambe a copa de um pinheiro-manso. A árvore tem cinquenta e oito metros de altura, um e meio de diâmetro.

Um homem leva a mão ao peito e repete quatro vezes o nome do seu irmão.

Quarenta mulheres enchem durante um dia inteiro os sacos de serapilheira com sementes de aveia.

Um cigano percorre a pé uma estrada de terra, toda rodeada de carvalhos. No ombro leva pousado um grilo, que canta durante a viagem inteira. Já estão nisto há vários dias. E ainda têm, o grilo e o homem, um par de dias pela frente.

Chamam-lhes os habitantes do vulcão. A sua aldeia, olhe-se por onde se olhar, é sempre pontuada pelo cume da montanha quente. Quando lhes perguntam se preferem o cone quieto ou em erupção costumam decidir-se pela erupção. Segundo os habitantes do vulcão, é melhor ver a lava do que não a ver. Eles sabem que o magma, os gases e as poeiras estão sempre ali. Com a lava viva e escorregadia podem pelo menos escolher por onde caminhar, onde estender a roupa, sobre que pedra sentar-se de manhã a tomar café. Os vulcanenses sabem que mais vale um fogo vivo e ativo, companheiro e distribuidor de segredos, do que as invisíveis e poluentes partículas de uma explosão contida.

Um avião que já iniciou o seu trajeto há mais de oito horas começa finalmente a sobrevoar os arredores de Metlakunta. É noite, e nenhuma luz indiana interfere com a fluorescência das lâmpadas de leitura do lugar 12C. Nele, bem sentada, uma mulher vai mexendo devagar e com os dedos as pedras de gelo dentro de um copo. Junto com o comandante ela é a única acordada, e só os dois estão conscientes do estado de solidão que ainda lhes falta cruzar até ao destino.

De longe o apicultor observa o comportamento de uma abelha. Tem dificuldade em fixá-la num ponto. Pela forma frenética como voa ele percebe logo que aquela é uma abelha bastante nova, ainda não fecundada. O apicultor sorri. Achou uma rainha jovem no meio da confusão da colmeia. Aproxima-se, sempre com os olhos fixos nela para não a perder. Se dúvidas tivesse, de perto confirma logo a suspeita: tem o tamanho intermédio entre uma operária e uma rainha madura, e o corpo já pronto para o duelo. O apicultor retira-se, deixando a abelha entregue à própria força e ao ferrão, torcendo para que ela sobreviva à luta e para que daí a um tempo chegue a ser a mestra, a fértil, a dona do ferrão contínuo, a mãe que um dia ensinará as outras abelhas a contar.

FLECHA

foi composto em caracteres Bulmer e
impresso em papel Coral Book de 80 g,
na Eigal, Indústria Gráfica, no mês de
Junho de 2020.